

# NOTAS DE (IN)COMPATIBILIDADE ENTRE SEMIÓTICA E FENOMENOLOGIA

## NOTES DE (IN)COMPATIBILITÉ ENTRE SÉMIOTIQUE E PHÉNOMÉNOLOGIE

Lucas Porto de QUEIROZ  
Programa de Pós-Graduação da Universidade de São Paulo-USP  
[l-porto@hotmail.com](mailto:l-porto@hotmail.com)

Profa. Dra. Norma Discini de Campos  
Universidade de São Paulo – USP  
(Orientadora)  
[normade@uol.com.br](mailto:normade@uol.com.br)

**RESUMO:** Nosso objetivo neste artigo será cotejar e nos posicionar diante de uma questão tão delicada quanto cara a qualquer pesquisador, seja de filiação filosófica ou linguística, que se interesse pela significação humana. Interessa-nos investigar que pontos aproximam e distanciam semiótica e fenomenologia, fazendo ao mesmo tempo uma retomada de por que, em dado momento, a primeira se abeirou da segunda, naquilo que se convencionou chamar *tournant phénoménologique* da semiótica.

**Palavras-chave:** Semiótica; Fenomenologia; Significação.

**RESUMÉ:** Notre but dans ce article sera confronter et nous placer devant une question délicate e chère à tout les chercheurs, aussi de filiation philosophique ou linguistique qui s'intéresse par la signification humaine. Interesse-nous rechercher quels points approchent et éloignent sémiotique et phénoménologie, et au même temps reprendre le motif qui a fait, à certain moment, la première s'approcher de la deuxième, dans le nommé *tournant phénoménologique* de la sémiotique.

**Mots-clés:** Sémiotique; Phénoménologie; Signification.

### 1. O contínuo pede passagem

Greimas se empenhou, desde a primeira hora da semiótica, em desenvolver um modelo teórico que não só se apresentasse em conformidade com o princípio do empirismo tal como proposto por Hjelmslev (2009), isto é, um modelo não contraditório (coerente), exaustivo e tão simples quanto possível, precisamente nessa ordem de prioridade (a coerência teria prioridade sobre a exaustividade, a qual teria prioridade sobre a simplicidade), como também procurou, a partir de um apanhado de disciplinas, de heranças<sup>1</sup> mais ou menos afins (Linguística fundada por Saussure, Antropologia de Lévi-Strauss, Fonologia de Jakobson, Trubetzkoy e Martinet, sintaxe frástica de Lucien Tesnière, folclore russo a partir dos estudos Vladimir Propp, Fenomenologia vinculada

---

<sup>1</sup> O uso do vocábulo "heranças" faz menção ao notável capítulo de Zilberberg (2006, p. 91-126) sobre o esforço - exitoso - de Greimas em erigir uma disciplina cientificamente autônoma a partir de uma bricolagem de tantas disciplinas distintas.

a Husserl e Merleau-Ponty etc.), erguer uma disciplina autônoma, que, portanto, a despeito dessa *bricolagem* devidamente revista por Zilberberg (2006, p. 91-126), se soerguesse com seus próprios tijolos. Tarefa árdua e aparentemente paradoxal, mas o resultado foi, pode-se dizer, satisfatório, do que é mostra o esmerado *Dicionário de semiótica*, publicado em francês em 1979. O modelo apresentava, ainda por volta da década de 1970, uma operacionalização invejável e, diga-se de passagem, aplicável às diversas ciências nas quais o lituano teve de beber para conceber sua semiótica: Greimas, então, pagava com juro o pouco que tomou emprestado das ciências humanas vizinhas. É justamente nesse sentido que Tatit (1997, p. 12, grifos nossos) afirma que ele, o lituano, "sempre zelou pelo aspecto operacional do modelo semiótico *e pelas contribuições metodológicas que esta teoria poderia trazer às demais ciências humanas*".

Era, contudo, sabidamente, um modelo que privilegiava as descontinuidades, estas claramente subjacentes, por exemplo, ao quadrado semiótico e suas articulações, às relações entre euforia e disforia, destinador e destinatário, enunciado de estado e enunciado de fazer, conjunção e disjunção, objeto-valor e objeto modal etc.

Os objetos, da literatura, por exemplo, a qual sempre atraiu análises de Greimas (1993, 2002 *et al*) e de tantos semioticistas até hoje, mostraram à teoria não que ela era contraditória, este alicerce estava bem fincado, mas que seriam necessários alguns ajustes - uma *adequação*, diria Hjelmslev (2009) - no modelo, no sentido de dar conta de objetos mais complexos que desafiavam naquele momento a eficácia do modelo. Esses *finos acabamentos* que a *casa* semiótica pedia, salvo mau entendimento de nossa parte, tiveram como canteiro de obras, sobretudo as etapas anteriores à performance, ou seja, diziam respeito principalmente à equipagem modal dos sujeitos, ao querer/dever e ao saber/poder que antecediam o fazer (e o julgar, a sanção). Foi ali, nesse canteiro, que a semiótica começou a tocar em pontos que alteraram *sensivelmente*, com perdão do trocadilho, seu rumo. Ou melhor, começou a tocar em pontos que lhe *abriram* novos rumos, para evitarmos a interpretação de que houve uma necessária alteração na episteme da semiótica.

Os ajustes, então, começaram a ser feitos por conta de textos, na acepção semiótica do termo, nos quais se manifestavam sujeitos de intrincados arranjos modais (querer-não-ser, somado a um crer-dever-fazer e a um não-saber-fazer, por exemplo).

Esses sujeitos, muitas vezes, não agiam, não faziam, não cumpriam uma performance, etapa central da sequência narrativa canônica. Permaneciam entretidos em arranjos modais como os que citamos. O texto, no entanto, não deixava de seguir adiante, não deixava de ser texto, por assim dizer (aliás, talvez esteja aí um dos traços da chamada *alta literatura* contemporânea: quanto mais se segue o fluxo narrativo canônico da manipulação, competência, performance e sanção, menos se é triado para compor esse "privilegiado" escalão).

Foi assim, então, que a teoria passou a enfatizar, par a par com os *estados de coisa* que até então ditavam marcha no modelo, os *estados de alma* designados por esses embaraçosos arranjos modais. O sensível pedia passagem ao inteligível, o contínuo ao descontínuo. Um marco desse momento de transição é a obra *Semiótica das Paixões* (Greimas; Fontanille), publicada em francês em 1991, cujo subtítulo fala por si só: "Dos estados de coisa aos estados de alma". Mas atentemos para a *ordem* dos sintagmas (dos estados de coisa aos estados de alma, não o inverso). Cremos, tendo em conta a acuidade nos escritos de Greimas, que essa ordem não é aleatória. Talvez a explicação se faça no decorrer deste trabalho.

Ablali (2003, p. 181-208) apresenta com propriedade esse momento de transição e, diríamos, de certo balanceio da teoria semiótica. Dois pontos elencados pelo jovem semioticista parecem-nos especialmente pertinentes:

- 1) A humildade ou, como prefere dizer o autor, a "coragem" da semiótica em interrogar as paixões, trazendo o sensível à tona num momento em que esse gesto estava pouco na moda entre as ciências da linguagem (ABLALI, 2003, p. 192); e
- 2) A observação por parte de Ablali (2003, p. 189-192) de que, a despeito do louvável esforço em conferir um tratamento teórico consistente à dimensão passional dos textos, à altura de *Semiótica das paixões*, a teoria ainda era um tanto refém do aparelho metodológico eminentemente descontinuado disponível àquele momento.

O que deve ser observado aqui é que a maneira como se analisavam as paixões, ou os "lexemas-paixões" no dizer de Ablali (2003, p. 190), ainda tinha como um necessário pano de fundo o componente modal dos actantes, ou seja, era um método fortemente fincado nas categorias narratológicas conquistadas até ali. Abeirávamo-nos

da dimensão sensível incitada pelo texto, porém munidos ainda de um ferramental excessivamente narratológico, o qual traz, a montante, uma semiótica que é a da *espera* (um sujeito que não quer ser, mas sabe que deve ser, por exemplo, já *espera* um dado encadeamento narrativo, já prevê um certo percurso; o ponto de partida é, portanto, da ordem da *espera* - e não, ainda, da *surpresa*<sup>2</sup>...). É nesse sentido que Ablali vê a semiótica das paixões como uma espécie de prolongamento da semiótica da ação, fornecendo "não uma metodologia, mas uma pista" (ABLALI, 2003, p. 190) para um tratamento teórico satisfatório do sensível.

## 2. O contínuo tem passagem

Foi nesse contexto ora polêmico, ora contratual entre o contínuo e o descontínuo, entre o sensível e o inteligível que ganhou força, dentro da semiótica, a necessidade de aproximação da disciplina levada a cabo por Greimas (mas, evidentemente, muito devedora de Hjelmlev e Saussure) e a fenomenologia cunhada por Merleau-Ponty, por sua vez muito devedora de Husserl. A *pista* a que se refere Ablali (2003), apenas tateada em *Semiótica das paixões*, dava azo a essa aproximação.

Antes de prosseguirmos, cremos que cabem algumas palavras, a nosso juízo bastante lúcidas, de Zilberberg (2002, p. 166), a propósito desse embate, às vezes acalorado, por conta da pertinência maior ou menor do descontínuo ou do contínuo como regente-mor do sentido:

Não é o caso de reacender uma querela sem objeto, pois a 'casa do sentido' é vasta o bastante para acolher tanto o contínuo, quanto o descontínuo. O mais razoável é admiti-los como 'variedades' circunstanciais e ocasionais.

Zilberberg (2002, p. 166, grifos do autor), porém, como era de se esperar, não fica em cima do muro, fazendo assim sua opção: "[...] em nossa opinião, a pertinência maior deve ser atribuída à direção reconhecida, ou seja, à reciprocidade simultaneamente paradigmática e sintagmática do *aumento* e da *diminuição*." Ou seja, ao convocar as categorias da sintaxe intensiva (*aumento* e *diminuição*), confere à intensidade, ao sensível, a primazia na geração da significação.

Faz-se necessário notar, já que trouxemos Zilberberg ao debate, que, embora ele privilegie a intensidade (o sensível, a afetividade) como regente da extensidade (o

---

<sup>2</sup> Devemos essa distinção entre "semiótica da espera" e "semiótica da surpresa" a Luiz Tatit, que assim caracterizou, respectivamente, a semiótica narratológica e a semiótica tensiva, em aula do curso de pós-graduação "Semiótica: teoria e aplicação na canção brasileira", ofertado na Universidade de São Paulo. Data da aula: 01/09/2016.

inteligível), o que pode insinuar uma precipitada identidade entre seu *esquematismo tensivo* (expressão que ele preferia à *semiótica tensiva* (ZILBERBERG, 2004) e o primado fenomenológico de regência do sensível sobre o inteligível, em nenhum momento ele, Zilberberg, salvo melhor entendimento, abre mão de uma *relação* entre as duas grandezas. Afirma sempre, ao contrário, que as duas, intensidade e extensidade, são apenas subdimensões de uma dimensão complexa que as une, a tensividade<sup>3</sup>. Ora, é precisamente tal modo de proceder - *organizado, hierarquizado, estruturado* (com o que há de mais nobre nessas palavras), um modo de proceder, para usar uma só palavra, hjelmsleviano - que radica a gentileza de sua citação ("a 'casa do sentido' é vasta o bastante para acolher tanto o contínuo, quanto o descontínuo"). E ainda há quem afirme que o estruturalismo cega, se fecha em si mesmo, quando o que vemos em momentos assim, de raro mas preciso entendimento desse modo de pensar, é que a estrutura *fecha*, sim, mas para em seguida apresentar essa possibilidade "vasta" de *abertura*. Abrir e fechar são, afinal, dois termos que se contrariam apenas porque há um eixo semântico comum que os une. Estruturas.

Mas voltemos ao que deixamos solto no primeiro parágrafo deste item. Dizíamos que foi no contexto em que o sensível pedia passagem ao inteligível que veio à tona a necessidade de se aproximar a semiótica da fenomenologia e, por via de consequência, de se inserir na semiótica uma categoria muito cara aos fenomenólogos e a qualquer teoria que considere (ou passe a considerar, como foi o caso da greimasiana) o sensível como relevante na produção do sentido. Referimo-nos à categoria do *corpo*.

A aproximação, então, foi um tanto rápida: semiótica e fenomenologia logo deram as mãos, esquecendo-se, em nossa opinião, de que, se havia pontos de contato entre ambas, convergências, havia também divergências de ordem epistêmica a serem levadas em conta. Se foram constatadas *identidades*, passou-se um tanto ao largo das *diferenças*<sup>4</sup>. Utilizando uma analogia barata, parece-nos que a semiótica, tendo erguido sua própria casa, mas percebendo ainda a necessidade de um algo a mais, de um acabamento aqui e outro ali, de repente olhou para a da vizinha, fenomenologia, e viu ali a resposta - olvidando que o alicerce das duas casas era completamente distinto. Seja

---

<sup>3</sup> Não é à toa, nesse sentido, que os gráficos em que trata da tensividade (ZILBERBERG, 2011) são, lembremos sempre, parábolas: não se chega ao grau zero em nenhum dos eixos. Não há, portanto, jamais, intensidade ou extensidade puras.

<sup>4</sup> Aludimos aqui à notável obra de Edward Lopes (1997), *A identidade e a diferença*, em que o linguista e semioticista retoma e confere brilho a esse princípio saussuriano que dá nome ao livro.

como for, a teoria de origem saussuriana abraçou conceitos de vertente fenomenológica, entre os quais o de *corpo*. Foi o chamado *tournant phénoménologique* da semiótica.

O lugar do contínuo na semiótica era mesmo necessário. A teoria teria ficado pelo caminho se não incorporasse alguns conceitos. O afeto, o sensível e o corpo mereciam um tratamento teórico à altura do que fora conferido, desde os anos 1960, com *Semântica estrutural* (1966), ao descontínuo. Em *Semiótica das paixões* (1993), juntamente com Fontanille, e em *Da imperfeição* (2002), Greimas dá mostras desse esforço e apresenta grandes contribuições, mas foi, a nosso ver, Claude Zilberberg, sobretudo, o protagonista desse fazer, apresentando o que hoje é uma verdadeira gramática do sensível. Trabalho portentoso.

Vejamos, então, na pena de Merleau-Ponty (2015, p. 279), por que a aproximação entre as duas áreas se deu de maneira pouco temerosa, por que o *tournant phénoménologique* parecia transparentemente bem-vindo à semiótica:

O sujeito perceptivo é o lugar dessas coisas [do sensível; o lugar onde 'existem sensações', como o próprio autor diz e grifa poucas linhas antes], e o filósofo descreve as sensações e seu substrato como se descreve a fauna de um país distante - sem perceber que ele mesmo percebe, que ele é um sujeito perceptivo e que a percepção, tal como ele a vive, desmente tudo o que ele diz da percepção em geral.

A escrita de Merleau-Ponty é, além de alta e precocemente<sup>5</sup> envergada do ponto de vista teórico, bela, poética muitas vezes ("como se descreve a fauna de um país distante"), o que certamente *seduziu* os semioticistas empenhados em dar novo fôlego à teoria greimasiana.

O que o fenomenólogo advoga no trecho acima é a necessidade de se incorporar na descrição da significação o sujeito que *sofre* o mundo antes que esse mesmo sujeito possa pensar esse mundo, antes de intelectualizá-lo ou, na linha do que temos dito, antes de torná-lo *descontínuo*. Merleau-Ponty critica, por isso mesmo, "o filósofo", referindo-se aqui não aos de linha fenomenológica, como Husserl, mas àqueles vinculados ao modo cartesiano de pensar, mais ou menos adeptos de um "Ego transcendental" (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 280) e de um "intelectualismo [que] se dá o mundo inteiramente pronto" (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 280). Dados esses comentários, é

---

<sup>5</sup> Apenas esta nota biográfica, *hors du text*: ele escreveu sua principal e admirável obra, *Fenomenologia da percepção*, da qual extraímos esta citação, ainda na casa dos 30 anos. Faleceu com apenas 53, ainda no auge intelectual. Uma pena: havia apenas há pouco conhecido o pensamento saussuriano...

fácil deixar-se ver no fenomenólogo um adjuvante no percurso narrativo da semiótica, de certa forma emperrado àquele momento descrito no item anterior.

Ao criticar duramente o hábito milenar da Filosofia de conferir à Razão a regência de qualquer entendimento do objeto-mundo, ele lança uma luz no terreno do sensível, iluminação necessária tanto à filosofia quanto à semiótica. Não que Greimas tenha erigido sua semiótica "sem perceber que ele mesmo percebe": o lituano apenas fez sua opção dentro da "casa do sentido", afinal "vasta o bastante para abrigar tanto o contínuo, quanto o descontínuo", como o disse Zilberberg em citação supra. De qualquer forma, até esse ponto, acolhemos as palavras de Merleau-Ponty, recomendamos mesmo sua leitura, sempre instigante. Era necessário esse alerta para o risco de uma visada excessivamente *intelectualista*, nas palavras do filósofo, ou *descontinuada*, em terminologia semiótica, de modo a não perder de vista este "tufo vivo da percepção" (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 68), de modo a evidenciar o

[...] campo de experiência privada em que ela [a sensibilidade, o sensível] surge, e [tentar] iluminar seu nascimento. Se, ao contrário, servimo-nos dela sem tomá-la por tema, tornamo-nos incapazes de *ver* o fenômeno da percepção e o mundo que nasce nela através da ruptura das experiências separadas, fundamos o *mundo* percebido em um *universo* que é apenas este próprio mundo destacado de suas origens constitutivas e tornado evidente porque esquecemos suas origens. (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 71, grifos ao autor, colchetes nossos)

Foi Zilberberg (2006, 2011), como já dissemos, o grande responsável no campo da semiótica por gramaticalizar ("iluminar seu nascimento") o terreno do afeto.

O autor de *Fenomenologia da percepção*, porém, não é ingênuo: sabia que não havia como tratar dessa que para ele era uma sensibilidade primeira, ponto de partida da significação senão *afastando-se* dela, num movimento implicativo de abstração: "Eu saberia que estou preso no mundo e nele situado se estivesse verdadeiramente preso e situado?", ao que ele mesmo responde: "A percepção é portanto o *pensamento* de perceber" (MERLEAU-PONTY, 2015, p. 67, grifos nossos). Destarte, o que o filósofo nos diz é que não há como falar do contínuo senão descontinuando-o, estruturando-o<sup>6</sup>. Isso não torna seu argumento contraditório, a nosso ver. Confessar que não há como

---

<sup>6</sup> Voltaremos a este ponto para defender que, se subjacente a essa estruturação está necessariamente a linguagem, e para isso ancoramo-nos em Saussure, Hjelmslev, Greimas e Bevidas, por via de consequência afirmamos que a própria percepção é dependente da linguagem. Num esquema simples: se "a percepção é o pensamento de perceber", como afirma o próprio filósofo, e o pensamento não há sem linguagem, logo não há percepção sem linguagem.

falar do sensível senão *interrompendo-o* não invalida a necessidade e possibilidade de se conferir tratamento teórico a ele. Trata-se apenas de uma condição *a priori*. Husserl (1963), ao opor percepção sensível e percepção categorial, defendendo que a primeira é apenas "uma intuição possível" (HUSSERL, 1963, p. 178) a partir da segunda, mostra que pensa da mesma maneira: o sensível é apenas pressuposto ao categorial.

Então, para conferir esse tratamento teórico ao *sofrer* é que Merleau-Ponty lança mão do *corpo*, instância que mediará a Razão, o "Ego transcendental" (rejeitado por ele por se cegar para a experiência sensível, fundadora) e a "experiência nua", "o conhecimento pré-científico"<sup>7</sup> (HUSSERL, 1976, p. 254-5). É nesse diapasão que Merleau-Ponty (2015, p. 246, grifos nossos) assim predica o corpo:

Só se compreende o papel do corpo na memória se a memória é não a consciência constituinte do passado, mas um esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente, e se *o corpo*, sendo nosso meio permanente de fabricar pseudopresentes, é *o meio de nossa comunicação com o tempo, assim como com o espaço*.

O corpo seria, assim, o elo ("meio de nossa comunicação") com *tempo e espaço*: não à toa, as duas grandezas (subdimensões) componentes da extensidade (plano do inteligível, dos estados de coisa), para Zilberberg.

O casamento entre semiótica e fenomenologia, desse modo, parece até aqui transcorrer sem obstáculos, a inserção de conceitos desta teoria naquela, como a noção de corpo, parece tão bem-vinda quanto necessária. Porém, apuremos o olhar, e vejamos que a relação entre as duas pode conter traços de *mentira*: as palavras de Merleau-Ponty e Husserl *parecem* livremente cambiáveis com as de Greimas e seguidores, mas não *são*.

### 3. Semiótica: primeiras lições

Neste subitem resgataremos os primados da semiologia anunciada por Saussure, deixando de lado os finos acabamentos da casa semiótica, os quais afinal se mostraram semelhantes aos da vizinha fenomenologia, a fim de verificar de que modo o alicerce semiótico se incompatibiliza (ou ao menos nos pede cautela) com o principal argumento fenomenológico.

O pensamento do genebrino, nem sempre entendido em todo o seu alcance teórico - quando não se passa, o que é ainda mais lamentável, de maneira despreziosa

---

<sup>7</sup> No original: "Une connaissance pré-scientifique"; "L'expérience nue". Tradução nossa.

pelas poucas palavras que nos ficaram do linguista, subestimando-as - finca-se numa concepção poderosa de signo. Ao propor apenas duas faces componentes do signo, em vez de uma visão triádica, que implícita o referente como pré-existente à linguagem, Saussure compra uma dura briga com a tradição filosófica da qual, como veremos, Merleau-Ponty não escapa, ainda que teça as já referidas críticas à Razão. O autor do *Curso* advoga, então, que o signo é composto tão somente por um significante e um significado, unidos *arbitrariamente*, isto é, "a ideia de 'mar' não está ligada por relação alguma interior à sequência de sons *m-a-r* que lhe serve de significante [...]" (SAUSSURE, 2012, p. 108, grifos do autor).

Tal concepção traz consequências radicais: ao defender um signo diático, não estava, em nosso entendimento, cego ao referente, à coisa-do-mundo, tampouco estava, num gesto apenas político, abrindo mão do referente tão somente para conferir autonomia científica à nascente Linguística (nesse sentido, abrindo mão do referente apenas para evitar que a Linguística tivesse uma âncora "não-linguística", o "referente"). O genebrino estava, antes, chamando sutilmente a atenção para o fato de que o referente não existe *senão* sob este carimbo de linguagem, *senão* sob este *ordenamento* sígnico por meio do qual cada língua *cria* seus referentes (note-se: dissemos *cria* seus referentes e não *designa* seus referentes; este segundo verbo nos faria incorrer na ontologia a que queremos justamente nos opor, nos faria *apontar* para a coisa, quando o que a língua, composta por signos, faz é *criar* referentes a seu modo). É segundo essa tomada de posição que o próprio Saussure (2012, p. 158, grifos nossos) afirma: "Tomado em si, o pensamento é como uma *nebulosa* em que *nada* está necessariamente delimitado. Não existem ideias preestabelecidas, e *nada* é distinto antes do aparecimento da língua.". Atentemos para a contundência das palavras do suíço: se *nada* é distinto antes do aparecimento da língua, é esta que recebe a *primazia* na significação, é ela que *subjaz*, que permite qualquer entendimento do mundo, é ela, enfim, que *faz-poder* qualquer reflexão sobre o sentido.

Greimas (1974, p. 3, grifos nossos, exceto nos dois exemplos com "pássaros" e "borboletas", cujas frases são grifadas pelo autor), em texto prodigioso, faz coro a esse caráter antirrealista de signo, alertando-nos para o risco de se postular qualquer coisa exterior ao signo e à língua:

Para nós o problema não se apresenta nesses termos. É toda a tradição européia [saussuriana, diríamos], continental da Linguística, se vocês

preferirem, que está em jogo. De outro modo, *se postulamos a existência de um referente exterior, chegamos a discussões intermináveis*, as [sic] quais assisti frequentemente e que terminavam em disputas para saber se as quimeras existem ou não. Porque se a palavra 'quimera' existe enquanto nome próprio, é preciso denominar as quimeras, e se as quimeras não existem, o que é esse nome? Palavras que não designam absolutamente nada. Então *pássaros têm asas*, tudo bem, mas *borboletas têm orelhas* (era brincadeira de P. Guiraud) não é lógico, porque as borboletas não têm orelhas. Como na realidade as borboletas não têm orelhas, esta frase é anormal. Toda semântica chomskiana está aí. Então tudo que é poesia, literatura, tudo que é conceito filosófico, tudo que é idiomatismo na linguagem, tudo isso são anomalias semânticas. Tudo que representa verdadeiramente o coração da linguagem é expurgado como anomalia. *Por quê? Justamente porque existe esse encaminhamento primeiro que é o neopositivismo, que postula a existência de coisas anteriores à linguagem, e onde a linguagem não serve senão para denominar e para dizer um número infinito de frases sobre o mundo.*

Assim, parece-nos coerente e legítima a luta encampada por Bevidas (2015), para quem o *pacto semiológico* entre significante e significado, proposto por Saussure, se levado às suas últimas e necessárias consequências, funda uma verdadeira *epistemologia* do pensamento.

#### 4. O corpo

Se defendemos acima que postular o que quer que seja fora da linguagem implica pôr abaixo todo o edifício teórico erguido pela semiótica, derrubando-o no seu alicerce (a concepção de signo), não temos como não iniciar este item senão tomando posição de pronto: o *corpo*, categoria de origem fenomenológica cuja inserção na semiótica era necessária a esta última teoria, também tem de estar sob a égide da linguagem. Se assim não for, estaremos igualmente postulando algo *anterior* à linguagem, indo de encontro à concepção de signo saussuriana, concebendo sorratamente a língua como nomenclaturista, *abrindo as portas de algo que nos engolirá*. Em suma, postular esse *corpo-que-sofre* como objeto pré-dado no mundo, ora: "Isso é antisaussuriano e toda a Semiótica vai por água abaixo." (GREIMAS, 1974, p. 2)

Então, se Merleau-Ponty *intui* o corpo como tendo primazia no ato de significação, tal intuição se dá às custas da linguagem. Antes desta, apenas uma "massa amorfa" (SAUSSURE, 2012, p. 159). É nesse diapasão que Bevidas (2015, p. 172-224) propõe, em lugar da percepção como detentora primeira do sentido, o conceito de *semiocepção*, isto é, uma "cepção" (do latim *capio, cepi, captum, capere*: pegar com as mãos, apreender, captar) autorizada pelo pacto *semiológico* do signo saussuriano, nascida neste elo arbitrário entre significante e significado.

É de se ficar perplexo como, em diversas passagens, ao ler as poucas obras que Merleau-Ponty pôde nos deixar, temos a impressão de vermos, em vivas cores, a mesma radicalidade do pensamento fundado em Genebra. Acompanhemos alguns trechos:

Aquilo a que chamamos com razão nossa verdade [viés transcendental], *sempre* o contemplamos *apenas* num contexto de signos que datam o nosso saber. *Sempre* lidamos *apenas* com arquiteturas de signos cujo sentido *não pode* ser posto à parte, pois ele nada mais é senão a maneira pela qual aqueles se comportam um em relação ao outro, pela qual se distinguem um do outro [...] (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 63, grifos nossos)

Se o signo só quer dizer algo na medida em que se destaca dos outros signos, seu sentido está *totalmente* envolvido na linguagem, a palavra intervém *sempre* sobre *um fundo de palavra*, nunca é senão uma dobra no imenso tecido da fala. (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 63 grifos nossos)

Logo, há uma opacidade da linguagem: *ela não cessa em parte alguma para dar lugar ao sentido puro*, nunca é limitada senão pela própria linguagem, *e o sentido só aparece nela engastado nas palavras*. (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 64, grifos nossos)

Ora, ao afirmar, contundentemente, do que é prova a proliferação de expressões *intensificadoras* ("sempre", "nunca", "apenas", "em parte alguma", "só"), que a linguagem não dá lugar ao sentido puro (ou, invertendo a ordem dos vocábulos: que o sentido nos chega, que ele há, sim, e, aliás, com uma "espontaneidade imediata" (BEIVIDAS, 2015, p. 171), mas apenas "engastado nas palavras"), ao enunciar isso dessa maneira, o fenomenólogo está, em alto e bom som, fazendo coro à tradição linguística saussuriana. Nesta obra, *O olho e o espírito*, publicada em francês em 1964 e de que constam as três citações acima, Merleau-Ponty mostra que passara a conhecer o *Curso de Linguística Geral*. No momento de escrita de sua obra magna, *Fenomenologia da percepção*, de 1945, por outro lado, embora também haja momentos em que vemos a sombra de Saussure nas palavras do filósofo, o genebrino não consta sequer da bibliografia da obra. Merleau-Ponty só conheceu tardiamente a obra do genebrino.

Seja como for, o entusiasmo de um semioticista leitor do fenomenólogo não dura tanto. São vários os trechos em que também ecoa, seja na primeira grande obra do filósofo, quando ao que tudo indica ainda não conhecia o *Curso*, seja nos escritos posteriores, uma crença no ser transcendental, primeiro, causando um curto-circuito com a linha de pensamento que rege as citações expostas na página anterior. Vejamos a incongruência que se estabelece:

Enfim, temos de considerar a palavra antes de ser pronunciada, *o fundo de silêncio que não cessa de rodeá-la*, sem o qual ela nada diria, ou ainda pôr a nu os fios de silêncio que nela se entremeiam. (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 69, grifos nossos)

*Os signos não evocam para nós somente outros signos e isso infinitamente, a linguagem não é como uma prisão onde estejamos presos, ou como um guia que precisaríamos seguir cegamente, uma vez que, na interseção de todos esses gestos linguísticos, aparece o que afinal eles querem dizer, e para isso nos prepararam um acesso tão completo que nos parecem desnecessários para nos referirmos a ela. (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 118, grifos nossos)*

*A significação sem nenhum signo, a própria coisa - esse auge de clareza seria o desvanecimento de toda clareza, e o que podemos ter de clareza não está no início da linguagem, como uma idade de ouro, e sim no final de seu esforço. (MERLEAU-PONTY, 2013, p. 120, grifos nossos)*

O choque entre as citações manifesta duas epistemologias incompatíveis. Se, de um lado, na página anterior, ele confere uma primazia à linguagem, dá um coice num referente *a priori*, anterior à linguagem ("o sentido *só* aparece engastado nas palavras", "seu sentido [do signo] está *totalmente* envolvido na linguagem"), nesses três últimos excertos vemos um filósofo que, bem ao contrário, elege o ser transcendente ("a própria coisa", "a significação sem nenhum signo") como ponto de partida. É assim que chega a dizer que esse ser primeiro, "esse auge de clareza" estaria no fim de seu [da linguagem] esforço". Essa é uma aposta que não fazemos. Para "*O fundo de silêncio* que não cessa de rodeá-la [a linguagem]", expressão sem dúvida bela, preferimos dizer, com palavras do mesmo Merleau-Ponty (2002, posição<sup>8</sup> 199/2681, grifos nossos), que "Nossa língua reencontra no fundo das coisas [não fios de silêncio, mas, sim] *a fala que as fez*". Chama-nos atenção também o fato de Ablali (2003), que acompanha justamente essa transição de uma semiótica que privilegiava o descontínuo e a qual passa, em seus desdobramentos mais recentes, a iluminar o contínuo, não notar, salvo melhor leitura, essa incompatibilidade epistemológica entre semiótica e fenomenologia.

Posto esse caráter um tanto indeciso do filósofo, ora apegado ao ponto de vista saussuriano, ora crente num ser transcendente, cremos com Bevidas (2015, p. 219) que "o filósofo ficou à soleira da porta, a um passo de penetrar profundamente na casa saussuriana".

É nesse terreno de leitura instigante, mas incompatível com os primeiros tijolos da semiótica, que está, também, a noção de corpo para a fenomenologia. A nós nos parece que falta (e evidentemente falamos da posição epistemológica de semioticistas que, como tais, não concordam com a proposta de um corpo ontológico) uma definição mais precisa, languageirizada, imanente de corpo, sob pena de postularmos,

---

<sup>8</sup> Usamos "posição" em lugar de "página" porque se trata de um *ebook*, em que a localização é feita dessa maneira.

sorratamente, algo fora do signo e da língua, *destruindo a semiótica*, como o disse Greimas em citação acima. Feito esse adendo, aí sim, o casamento entre semiótica e fenomenologia poderá seguir sem obstáculos.

## 5. Notas finais

Neste capítulo cotejamos duas grandes áreas, semiótica e fenomenologia, que versam sobre o processo de significação humano, a fim de apresentar: i) de que modo e por que razões elas se aproximaram em dado momento (itens "O contínuo pede passagem" e "O contínuo tem passagem"); e, sobretudo: ii) por que deveriam, estas teorias, sobretudo a semiótica, ter mais cautela quanto às diferenças epistemológicas que subjazem às duas áreas (itens "Semiótica: primeiras lições" e "Corpo"). Julgamos necessário detectar essas incompatibilidades no sentido de alertarmos a comunidade semiótica para o que parece ter se tornado um livre-câmbio entre os conceitos das duas teorias. Embora Abali (2003) tenha feito um trabalho minudente a respeito do que discutimos aqui, cujo título já evidencia sua proposta, *La sémiotique du texte: du discontinu au continu*, chama-nos atenção o fato de ele não notar essa incompatibilidade epistemológica entre semiótica e fenomenologia. Ele acompanha, aliás, de maneira muito mais exhaustiva do que fizemos aqui, o momento de aproximação das duas teorias, mas sem notar, salvo engano nosso, algumas diferenças que tentamos flagrar e que não podem ser deixadas de lado. Assim, lembramos que, embora semiótica e fenomenologia tenham se interseccionado em seus percursos, as duas não vêm de um tronco comum, de uma mesma tradição de pensamento. Bem ao contrário. Terminamos por defender, seguindo essa toada, que a categoria de *corpo* proposta pela fenomenologia é bem-vinda à semiótica, sim, tendo em vista que o lugar do sensível era necessário à teoria greimasiana, mas ela deve ser tratada *a partir* da linguagem (não antes dela), sob pena de entrarmos em franca colisão com os primados saussurianos.

## REFERÊNCIAS

ABLALI, Driss. **La sémiotique du texte: du discontinu au continu**. Paris: L'Harmattan, 2003.

BEIVIDAS, Waldir. **A teoria semiótica como epistemologia imanente: uma terceira via do conhecimento**. Tese de livre-docência. São Paulo: USP, 2015.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sémantique structurale: recherche de méthode**. Paris: Larousse, 1966.

\_\_\_\_\_. "Enunciação: uma postura epistemológica". Tradução de Maria Lúcia Vissotto Paiva Diniz; colaboração e notas de Jean Cristtus Portela. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, n. 1, Centro de Estudos Semiótica A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP): 1974. p. 1-12.

\_\_\_\_\_. **Sobre o sentido**: ensaios semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz César *et alli*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Da imperfeição**. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

Greimas, A. J.; COUTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Vários tradutores. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

GREIMAS, Algirdas Julien; FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**: dos estados de coisa aos estados de alma. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.

HJELMSLEV, Louis. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. Tradução J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2009.

HUSSERL, Edmund, **Recherches loiques III**. Paris: PUF, 1963.

\_\_\_\_\_. **La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale**. Tradução do alemão por Gérard Granel. Paris: Gallimard, 1976.

\_\_\_\_\_. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**: introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Márcio Suzuki. 2 ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

LOPES, Edward. **A identidade e a diferença**: raízes históricas das teorias estruturais da narrativa. São Paulo: EDUSP: Imprensa Oficial, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. (Livro digital). Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

\_\_\_\_\_. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

TATIT, Luiz. **Musicando a semiótica**: ensaios. São Paulo: Annablume, 1997.

ZILBERBERG, Claude. "Síntese da gramática tensiva". Tradução de Ivã Carlos Lopes e Luiz Tatit. *In: Significação - Revista Brasileira de Semiótica*, n. 25, Centro de Estudos Semiótica A. J. Greimas: Ribeirão Preto (SP): 2002. p. 164-204.

\_\_\_\_\_. **Razão e poética do sentido**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Waldir Beividas e Luiz Tatit. São Paulo: EDUSP, 2006.

\_\_\_\_\_. **Elementos de semiótica tensiva.** Tradução de Ivã Carlos Lopes, Waldir Beividas e Luiz Tatit. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.